

Graphos

Revista da Pós-Graduação em Letras da UFPB

VOL. 18, Nº 2

2016

Universidade Federal da Paraíba

Reitora

Margareth de Fátima Formiga Melo Diniz

Programa de Pós-Graduação em Letras

Coordenadora

Socorro de Fátima P. Barbosa

Revista Graphos

Editor

Expedito Ferraz Júnior

Organizadores do Dossiê

TRADUZIR - TRANSCRIBIR - TRANSFORMAR

Wiebke Röben de Alencar Xavier (UFRN; PPGL-UFPB)

Tito Lívio Cruz Romão (UFC)

Conselho Editorial

Genilda Azerêdo

Luiz Antonio Mousinho Magalhães

Marta Pragana Dantas

Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne

Conselho Consultivo

Aloísio Dantas (UFCG)

Cristina Mello (Universidade de Coimbra)

Elisalva Madruga Dantas (UFPB)

Ester Míriam Scarpa (UNICAMP)

Genilda Azerêdo (UFPB)

Gentil Luís de Faria (UNESP/ Rio Preto)

Henrique Graciano Murachco (USP)

Juan Antônio Lopes Ferez (UNED/Espanha)

Juvino Alves Maia Júnior (UFPB)

Maria da Gloria Bordini (PUC/RS)

Maria de Fátima B. de M. Batista (UFPB)

Maria do Rosário Gregolin (UNESP/Araraquara)

Maria do Socorro Aragão (UFC)

Maria Nazaré Soares Fonseca (UFMG)

Mônica Nóbrega (UFPB)

Nadilza M. de B. Moreira (UFPB)

Peggy Sharpe (Florida State University)

Rita Terezinha Schmidt (UFRGS)

Valdir Flores (UFRGS)

Luiz Antonio Mousinho Magalhães (UFPB)

2015

APRESENTAÇÃO

A ideia fundamental que deu origem a este número da Revista GRAPHOS, intitulado “Traduzir - transcriar - transformar”, visando a reunir oito artigos científicos sobre questões teóricas e práticas acerca de tradução e do ato de traduzir, além de duas traduções de textos alemães inéditos escritos e publicados no século XIX, desenvolveu-se a partir do I Congresso da Associação Brasileira de Estudos Germanísticos (ABEG), realizado entre os dias 9 e 11 de novembro de 2015 na cidade de São Paulo. Os oito artigos científicos que compõem esta edição, caracterizam-se, de modo geral, por seu enfoque no papel da tradução como componente de mediação cultural. Em alguns casos específicos, também trazem suas marcas ora pelos caminhos percorridos por livros traduzidos, ora pelo papel dos tradutores como transformadores culturais, interculturais e/ou transculturais, ou ainda pelo relevo dado ao processo de traduzir em determinados momentos históricos de aquém e de além-mar. Mediante os diferentes artigos aqui publicados, pretende-se dar especial visibilidade aos complexos entrelaçamentos e às hibridizações resultantes das trocas culturais em nível binacional ou internacional, assim como à formação de espaços e identidades transnacionais/internacionais e transculturais/interculturais decorrentes das contribuições prestadas por tradutores em diferentes épocas nos espaços de atuação tanto da língua alemã quanto da língua brasileira. Enfatize-se, aqui, a relevância dos textos apresentados a seguir, por contribuírem sobremaneira para a consolidação de duas áreas sempre presentes nos Estudos Germanísticos do Brasil: os Estudos da Tradução em sentido lato e, em sentido restrito, os Estudos de Tradução Literária à luz de obras de autores de expressão brasileira e de expressão alemã.

Este dossiê divide-se em duas partes: a Primeira Parte compõe-se de uma coletânea de artigos autorais e a Segunda Parte contém duas traduções de obras alemãs escritas e publicadas no século XIX, estando uma delas acompanhada de breves comentários do tradutor e dos revisores do texto vertido para a língua portuguesa.

Abrindo a Primeira Parte do dossiê, o renomado tradutor literário e professor universitário **João Azenha Júnior (USP)**, em seu artigo intitulado “Da prática para o ensino e deste para a pesquisa. Ou não? Sobre heranças, desafios e perspectivas da tradução alemão/português no Brasil”, lança um olhar retrospectivo sobre os caminhos da tradução alemão/português no Brasil, buscando localizar e sequenciar os domínios da prática, do

ensino e da pesquisa. Num segundo momento, mais sincrônico, reconhece e louva a diversidade de abordagens sobre a questão da tradução nos diferentes níveis de formação e domínios de atuação, mas tece alguns questionamentos críticos sobre a desproporção de importância atribuída a cada domínio e à importância reservada aos conhecimentos das línguas envolvidas. Por fim, sugere algumas áreas de formação e de pesquisa auspiciosas, pleiteando, a título de ilustração, o reconhecimento de características locais como o único caminho viável para a consolidação de um campo disciplinar que simultaneamente reflita um Brasil plural e responda, nem sempre em concordância, aos desafios de um mundo desejavelmente globalizado. Em um artigo intitulado “Babel não revisitada”, **Paulo Oliveira (UNICAMP)** primeiramente ressalta que o mito de Babel é uma referência recorrente nas reflexões teóricas contemporâneas sobre a tradução, como atestam as contribuições seminais de conhecidos autores, dentre os quais se podem citar Georges Steiner, Walter Benjamin, Jacques Derrida e Umberto Eco. Enfatizando que “não visitar Babel” significa procurar trazer à reflexão tradutória outros mitos de origem e outras narrativas mais condizentes com os paradigmas válidos em suas práticas de pesquisa, o autor constrói seu texto abordando alguns autores que procuram explicar a diversidade das línguas com base na própria evolução da espécie e da linguagem humana (Michael Tomasello, 2008; Mark Pagel, 2012), procurando, a partir disso, retirar implicações para a tradução. No artigo que leva o título “O percurso de línguas da Psicanálise e seus avanços rumo ao oriente – Do alemão de Freud ao chinês de nossos dias”, **Pedro Heliodoro Tavares (USP)** apresenta, à guisa de introdução, questões relacionadas à recente entrada da Psicanálise no mundo de expressão chinesa. De maneira resumida, delinea primeiramente como a Psicanálise teve seu desenvolvimento transformado e enriquecido por cada cultura e língua de influência com a qual manteve contato significativo. Ao longo do texto, o leitor será apresentado, por exemplo, à questão do “retorno a Freud” de Jacques Lacan, que, tomando por base as obras de Saussure e de outros linguistas, conduziu à prevalência de uma compreensão do inconsciente como algo ligado a uma função da linguagem falada. O texto aborda, além disso, as próprias considerações de Lacan sobre línguas ideográficas (tais como o japonês e o chinês), que, ao fazê-lo, reabriu as discussões sobre o assunto, considerando, sobretudo, a palavra escrita e suas relações com a realidade subjetiva. Os professores e pesquisadores **Magali dos Santos Moura (UERJ)** e **Ebal Sant’anna Bolacio (UERJ)** apresentam os primeiros resultados obtidos com o Projeto de Extensão “Vice-versa: relações interculturais na prática”, em cujo âmbito se promove um trabalho conjunto entre universidades do Brasil e da Alemanha com o propósito de um diálogo intercultural. O texto mostra como é possível, através da prática tradutória, abrir

espaço para a formação de um profissional capaz de criar espaços híbridos de troca de conhecimentos, onde a língua alvo, no caso a alemã, esteja permanentemente confrontada com o substrato cultural daquele que a aprende. O trabalho já realizado contempla a tradução de lendas e mitos alemães até então ainda sem tradução no Brasil. No texto “Quando a tradução (re)conta a história: contribuições a tradução para a difusão de fontes relacionadas ao grupo *A Rosa Branca*”, as autoras **Anna Carolina Schäfer (USP)**, **Janaína Lopes Salgado (USP)** e **Tinka Reichmann (USP)** apresentam alguns resultados obtidos em um projeto de pesquisa desenvolvido entre 2010 e 2013 na Universidade de São Paulo, com o objetivo de promover o desenvolvimento da competência tradutória inicial entre estudantes da habilitação em Língua e Literatura Alemã a partir da tradução inédita para o português da obra *Die Weiße Rose*, de Inge Scholl. Em sua primeira parte, o artigo traz um exemplo concreto da aplicação do modelo pragmático-funcional de análise textual proposto por Christiane Nord à tradução dos protocolos de interrogatório dos irmãos Hans e Sophie Scholl; na segunda, são apresentados trechos, ainda em processo de tradução, de três documentos da década de 1980 representativos do percurso para a correção da injustiça nazista e reabilitação histórica e moral da Alemanha, evocando a discussão sobre a validade de práticas jurídicas em períodos totalitários. **Marcelo Rondinelli (UFMG)**, em seu texto “Hölderlin (re)traduzido no Brasil: Constelações poético-tradutórias, acontecimentos”, toma como ponto de referência sete (re)traduções brasileiras de um poema de Friedrich Hölderlin, realizadas por Manuel Bandeira, Mário Faustino, Marco Lucchesi, José Paulo Paes, Antonio Medina Rodrigues e Antonio Cícero. Para tanto, propõe o traçado de “constelações poético-tradutórias” para uma melhor compreensão do papel das (re)traduções, examinando o estatuto de tais empreitadas e suas inter-relações à luz da chamada “hipótese da retradução”, de Antoine Berman (1990), bem como das contribuições recentes de outros germanistas, problematizando os conceitos de *Nach-* e *Neuübersetzung*. Em seu artigo denominado “As transformações de Gregor Samsa entre o texto original e os textos traduzidos”, **Tito Lívio Cruz Romão (UFC)** perscruta 31 traduções do conto *Die Verwandlung*, de Franz Kafka: 13 em espanhol, 10 em português europeu e brasileiro, 03 em francês, 03 em inglês e 02 em italiano. Seu objetivo principal é verificar como as frases iniciais da célebre narrativa kafkiana foram vertidas em cada uma das traduções analisadas, com a atenção especialmente voltada para o termo “Ungeziefer”, que, ao longo de várias décadas, tem gerado certas dificuldades de tradução. Abre igualmente espaço para uma discussão sobre o significado do termo “Verwandlung” e sua versão mais tradicional (“Metamorfose”) ou uma tradução alternativa (“Transformação”), que vem sendo defendida por alguns tradutores. Por fim, no artigo “A recepção transatlântica do

“*Gespenster-Hoffmann*” no Bruxo do Cosme Velho”, **Marcos Tulio Fernandes (UFPB)** e **Wiebke Röben de Alencar Xavier (UFRN)** expõem como o desembarque das traduções francesas de contos fantásticos de E. T. A. Hoffmann (1876-1822) nos periódicos parisienses inspiraram Machado de Assis à produção de quatro contos fantásticos, escritos para o *Jornal das Famílias*, entre 1869 e 1875. A recepção transatlântica do conto hoffmanniano em Machado de Assis, por meio de traduções francesas de Loève-Veimars e Henry Egmont, configuraram uma nova imagem de Hoffmann e do conto fantástico no contexto da cultura brasileira, constituindo um exemplo de como os processos de transferências culturais produziram e incentivaram, no conto fantástico de Machado de Assis, um sentido diferente do conto fantástico de Hoffmann.

Na **Segunda Parte** deste dossiê encontram-se duas traduções de textos originalmente escritos em língua alemã. A primeira tradução, intitulada *Comandantinhos*, foi feita a partir do texto original *Befehlerles*, publicado a primeira vez em 1843 pelo escritor Berthold Auerbach, nascido na região de Württemberg, que se notabilizou por uma série de contos intitulados *Schwärzwälder Dorfgeschichten*, em que retrata cenas típicas dos camponeses da região da Floresta Negra. O texto foi traduzido por **Sergio Luis Persch (UFPB)** e vem acompanhado de comentários do próprio tradutor, bem como de uma equipe de revisores composta por estudantes sob a orientação de **Luciane Leipnitz (UFPB)**. A segunda tradução, realizada por **Tito Lívio Cruz Romão (UFC)**, traz o título *Sobre a tarefa de traduzir* e foi feita a partir do original *Ueber die Aufgabe des Uebersetzens*, ensaio escrito e publicado por Karl Schäfer em 1839. Com este ensaio, o autor visava principalmente apresentar um método de tradução em oposição àquele difundido por Friedrich Schleiermacher e Johann Heinrich Voss.

Wiebke Röben de Alencar Xavier (UFRN; PPGL-UFPB)
Tito Lívio Cruz Romão (UFC)